
MORAL SEXUAL “CIVILIZADA” E DOENÇA NERVOSA MODERNA

100 anos depois

*Vincenzo Di Matteo*¹

Resumo

Pretendo, neste artigo, retomar *Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna* (1908) no intuito de surpreender Freud nesse momento peculiar do movimento psicanalítico, analisar o texto na sua estrutura e dinâmica interna, perguntar pelos caminhos possíveis do sujeito desejante diante do inevitável “assujeitamento” à pulsão sexual e ao Outro da cultura, problematizar se e até que ponto esse discurso centenário caducou diante dos avanços teóricos da psicanálise e do mudado quadro cultural ou se ainda tem algo a dizer ao mundo contemporâneo.

Palavras-chave: moral sexual, neurose, modernidade, contemporaneidade.

Abstract

In this article I intend to resume '*Civilized*' *Sexual Morality and Modern Nervous illness* (1908) in order to surprise Freud at this peculiar moment of the psychoanalysis movement, examine the text in its structure and internal dynamics, ask the possible paths of the desiring subject before the inevitable connection to the sexual drive and to the other culture path, question whether and to what extent that centennial speech expired before the psychoanalysis theoretical advances and the changed cultural context or if it still has something to say to the contemporary world.

Keywords: sexual morality, neurosis, modernity, contemporaneity.

¹ Professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
E-mail: dimatteo@nlink.com.br.

Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna

*Assim não tenho coragem de me erguer diante de meus semelhantes
como um profeta;
curvo-me à sua censura de que não lhes posso oferecer consolo
algum, pois, no fundo, é isso que todos estão exigindo, e os mais
arrebataados revolucionários não menos apaixonadamente do que os
mais virtuosos crentes.*
Freud

Com essas palavras no final de *O mal-estar na civilização*, Freud se exime de dirimir a questão se as restrições da vida sexual pertencem à “natureza obrigatória” do processo civilizatório ou se são da ordem de “tendências” consideradas insuperáveis, mas de fato transponíveis. No entanto, nesse primeiro texto mais extenso dedicado ao conflito do desejo sexual com as interdições culturais, escrito há 100 anos atrás, não hesita em sugerir e até defender a necessidade de reformas.

Surpreender Freud nesse momento peculiar do movimento psicanalítico, analisar o texto na sua estrutura e dinâmica interna, perguntar-se pelos caminhos possíveis do sujeito desejante diante do inevitável “assujeitamento” à pulsão sexual e ao Outro da cultura é o primeiro objetivo visado. O segundo é problematizar se e até que ponto esse discurso centenário caducou diante dos avanços teóricos da psicanálise e do mudado quadro cultural ou se ainda tem algo a dizer ao mundo contemporâneo.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O artigo foi publicado em março de 1908, na Revista *Sexual-Probleme*. A data é significativa se considerarmos que, em final de abril daquele mesmo ano, se realizou o I Congresso de Psicanálise organizado por Jung com o título *Encontro dos psicólogos freudianos*. Contou apenas com 44 participantes, mas foi percebido pelo primeiro biógrafo de Freud, E. Jones, como um “acontecimento histórico”.

Freud não está mais sozinho ou apenas atrelado às pequenas vicissitudes provincianas do grupo das “quartas-feiras”. Interlocutores internacionais, especialmente ligados à Escola de Zurique, fazem da psicanálise um movimento já não mais marcadamente judaico. Justificam-se, portanto, certo otimismo e autoconfiança nesse pai simbólico da “horda psicanalítica”, tanto mais que a psicanálise já se apresentava ao mundo com uma rede conceitual coerente, um método terapêutico considerado sem muita modéstia como francamente superior aos demais, um poder explicativo bastante abrangente, um movimento em franca expansão.

Tendo presente esse contexto político-teórico, é compreensível o estilo do texto mais próximo do dogmático que do genético, habitualmente preferido por Freud. O artigo pode sugerir ao leitor estar diante de um Manifesto Político da jovem psicanálise ou, servindo-nos de outra metáfora, desempenha, ao mesmo tempo, o papel de advogado de defesa de seus clientes, promotor de acusação contra uma “mais-repressão” da cultura e juiz que profere a sentença final da necessidade de reformas culturais.

ANÁLISE DO TEXTO

O texto é de uma linearidade apolínea. Num primeiro momento, retoma o pensamento de “outros eminentes observadores” que sustentam a tese de que há uma relação direta entre a vida civilizada moderna e o aumento de doenças “nervosas”.

Houve vários estudiosos que detectaram uma estreita relação entre a “alta incidência da doença nervosa” e a moderna vida civilizada. (FREUD, 1908, p. 188). O ponto de vista de Freud é que essas análises são insuficientes para explicar a peculiaridade da doença nervosa e ignoram o seu fator etiológico mais importante: a repressão nociva que a moral sexual civilizada moderna exerce sobre a vida sexual dos povos (ou classes). No caso especialmente das psiconeuroses, “não existe nenhuma correspondência” entre essas doenças nervosas e as

Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna

influências da vida moderna, podendo se “considerar o fator sexual como o fator básico da causação das neuroses propriamente ditas”. (FREUD, 1908, p. 191).

Para comprovar sua tese, retoma resumidamente as ideias já apresentadas em vários artigos técnicos publicados no final do séc. XIX (1896; 1899); acrescenta outros argumentos para “inserir num contexto mais amplo o tema das doenças nervosas”; situa o desenvolvimento da libido na sua relação com três tipos de civilização;² questiona, enfim, até que ponto as restrições impostas à satisfação sexual são compensatórias ou não para o indivíduo e a própria cultura. Conclui, finalmente, com a defesa da necessidade de reformas culturais para minimizar o mal-estar do sujeito desejante, decorrente fundamentalmente de uma cultura excessiva e injustamente repressora e, dessa maneira, atingir de uma forma mais lúcida e eficiente os objetivos que a cultura se propõe.

O ponto de partida – e provavelmente de inspiração – do artigo de Freud é o livro *Ética sexual*, publicado apenas no ano anterior (1907) por um professor de filosofia, Christian von Ehrenfels (1850-1932), um crítico do casamento monogâmico. Já fora citado anteriormente por Freud no contexto da análise dos chistes *cínicos*, habitualmente dirigidos à instituição do casamento.

Em *Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna*, Freud retoma as ideias de Ehrenfels, partindo agora da distinção operada pelo professor de filosofia entre moral sexual “natural” e “civilizada”. A primeira é aquela que permite a um grupo humano vivenciar a sexualidade, conservando saúde e eficiência. A segunda, ao estimular uma intensa produção cultural, na realidade, sacrifica de tal maneira a sexualidade que compromete tanto a saúde dos indivíduos quanto os objetivos da cultura. Essa moral sexual “civilizada”, restringida ao casamento monogâmico, ignorando as diferenças naturais entre os sexos, acaba gerando uma moral *dupla* e *ambígua*, uma para as mulheres e outra mais liberal para os homens e, além disso, impossibilita a *seleção pela virilidade*, o que permitiria um aperfeiçoamento da constituição humana.

² Três estados imaginados por Freud que devem ser pensados mais numa ordem lógica do que cronológica: o primeiro, não repressivo; o segundo, liberando a sexualidade, mas para fins reprodutivos; o terceiro, restringindo-a mais ainda apenas para a reprodução *legítima*.

Para explicitar sua tese, Freud convida o leitor a acompanhá-lo na sua tentativa de situar o aumento das doenças nervosas num contexto teórico mais amplo, desenvolvido em *Três ensaios sobre a sexualidade*. Lembra que a civilização repousa sobre uma renúncia da vida pulsional (erótica e agressiva) de seus membros. Já antecipando o que, numa linguagem mais expressiva, vai dizer em *O mal-estar na civilização*, nesse momento, afirma que “Além das exigências da vida [Ananke] foram sem dúvida os sentimentos familiares derivados do erotismo que levaram o homem a essa renúncia [Eros]”. (Ibidem, p. 192). O avanço na cultura foi pago com um aumento da renúncia da vida pulsional, logo sacralizada pela religião que considerou “santo” o homem que conseguisse sacrificar seus “instintos” em proveito da comunidade.

No caso específico do “instinto” sexual propriamente humano – provavelmente mais “vigorosamente desenvolvido”, “certamente mais constante” que nos animais –, a psicanálise descobriu que, na realidade, é um conjunto de várias pulsões. Podem ser satisfeitas – sem perder demais sua intensidade – desviando-se de seu objetivo sexual original e destinando-se a uma atividade cultural.

Ao lado, porém, dessa plasticidade e capacidade de *sublimação*, é preciso reconhecer que o “instinto sexual” pode fixar-se numa forma obstinada de satisfação e degenerar em anormalidade. Além disso, a constituição e a história peculiar de cada indivíduo vão decidir quais pulsões podem ser sublimadas, lembrando, porém, que nem tudo e para sempre pode ser sublimado sem que se pague um tributo à doença. Não é possível transformar todo calor em energia mecânica, exemplifica Freud.

Enfim, em *Três ensaios sobre a sexualidade*, mostrou que a sexualidade humana não está ligada a um objeto específico para se satisfazer, nem inicialmente está orientada para fins de reprodução, mas visa fundamentalmente a um prazer autoerótico que pode ser conseguido pela estimulação de determinadas zonas erógenas de nosso corpo. Somente através de um processo educativo, as várias pulsões parciais podem ser subordinadas à primazia da sexualidade genital e, dessa

Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna

maneira, alcançar seu pleno desenvolvimento que vai, portanto, da autonomia e anarquia do autoerotismo ao amor objetual genital.

A cultura habitualmente sacrifica para seus objetivos essas pulsões autoeróticas que não estão diretamente orientadas para a reprodução da espécie e que, abandonadas a si mesmas, podem degenerar em perversão.

A essa altura de sua exposição, Freud analisa qual o impacto da civilização sobre essa sexualidade, assim como a descreve a psicanálise, considerando três tipos de civilização ou cultura. A primeira que permitiria a livre manifestação e consequente satisfação da sexualidade, desconsiderando os objetivos de reprodução. A segunda, intermediária, que reprimiria apenas as pulsões que não servem para esses objetivos. A terceira que só permite a moral sexual “civilizada”, isto é, a sexualidade orientada para a reprodução legítima através do casamento monogâmico.

Passa, então, a analisar os impactos sobre determinadas pessoas exercidos por uma cultura que valoriza apenas a sexualidade na sua orientação reprodutiva, devido à peculiaridade da sexualidade humana que é também de natureza histórica. Nem todos, porém, atingem sua forma perfeita e completa da heterossexualidade, dando origem a *perversos* e *invertidos* (homossexuais). Nesse sentido, Freud reconhece que “as exigências culturais do segundo estágio constituem uma fonte de sofrimentos para certa parcela da humanidade”. (Ibidem, p.195). De acordo com a força dessas pulsões, abre-se o caminho da sublimação, se forem fracas; o da perversão e seu “negativo”, a neurose, se forem muito intensas. Marginalização e doença esperam, portanto, perversos e neuróticos numa cultura que, injustamente, impõe a todos as mesmas exigências morais a despeito das diferenças individuais.

Compadecendo-se dessa situação, Freud escreve que “A experiência nos ensina que existe para a imensa maioria das pessoas um limite além do qual suas constituições não podem atender às exigências da civilização [...] Esses indivíduos teriam sido mais saudáveis se lhes fosse possível ser menos bons”. (Ibidem, p. 197). Constata que essa “obvia” injustiça é geralmente sanada pela desobediência às injunções morais.

Quanto ao terceiro estágio de uma maior redução da liberdade sexual, restrita à reprodução monogâmica legítima, Freud supõe que provavelmente encontraremos mais resistências a essas exigências por pessoas de “naturezas fortes” e mais fuga para neuroses por parte daquelas de “naturezas mais débeis”. A essa altura, Freud se coloca três perguntas a que responde sequencialmente.

A primeira: “Que deveres o terceiro estágio da civilização exige do indivíduo?”

A resposta é a abstinência sexual até o casamento. A despeito das afirmações das autoridades e da própria classe médica de que a abstinência não é nociva à saúde, Freud lembra que dominar um “instinto” tão forte acaba consumindo todas as forças psíquicas do indivíduo. A saída pela sublimação é para “uma minoria”, mesmo assim não para sempre e mais difícil na época da juventude. Constata pragmaticamente que “a maioria dos indivíduos” não tem condições de realizá-la e que o aumento das doenças nervosas na sua época era decorrente de uma intensificação das restrições sexuais. O remédio freudiano? “A meu ver, a satisfação sexual é a melhor proteção contra a ameaça que as disposições inatas anormais ou os distúrbios do desenvolvimento constituem para uma vida sexual normal”. (Ibidem, p. 198-199).

A segunda: “A satisfação sexual legítima permitida pode oferecer uma compensação aceitável pela renúncia a todas as outras satisfações?”

A resposta é negativa ao lembrar que, na realidade, a sexualidade é restrita também dentro do casamento, visto que não pode ser vivenciada completamente por muito tempo: falta de saúde da esposa, medo de concepções indesejadas. A diminuição de afeições física e psíquica entre o casal leva geralmente o homem e a mulher a uma moral dupla ou, especialmente no caso das mulheres, à doença, devido à maior repressão sexual em sua educação.

Terceira: “Qual a relação entre os possíveis efeitos nocivos dessa renúncia e seus proveitos no campo cultural?”

Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna

Respondendo a essa terceira pergunta, Freud se confessa incapaz de “contrapor corretamente” ganhos e prejuízos, mas evidentemente tem mais argumentos para colocar na balança das perdas. A abstinência sexual, antes de tudo, não produz geralmente homens de caráter; a abstinência total na juventude, não é muitas vezes a melhor preparação para o casamento no caso dos homens. Quanto às mulheres, devido a uma educação que geralmente as mantém afastadas da atividade sexual, chegam ao casamento despreparadas, frígidas; e quando mais tarde alcançam sua capacidade de amar, geralmente o casamento já se deteriorou, restando-lhe “a escolha entre o desejo insatisfeito, a infidelidade ou uma neurose”. (Ibidem, p. 203).

Além disso, manter rapazes e moças afastados da sexualidade acarreta prejuízos no rapaz que, ao invés de desenvolver um caráter “enérgico” e viril, se torna “conciliatório e resignado”. No caso das moças, uma educação que as impede de ocupar-se intelectualmente de problemas sexuais as mantém também afastadas de interesse culturais.

As saídas encontradas para a abstinência de relações sexuais com o sexo oposto, tais como a masturbação e outras formas de atividade sexual, são, em seguida, analisadas e questionadas por Freud.³

Em suma, a abstinência sexual não prepara para o casamento; as práticas sexuais masturbatórias ou pervertidas levam homens e mulheres a uma reduzida capacidade erótica no casamento e, nessas circunstâncias, geralmente à neurose.

³ Quanto à masturbação, as críticas se reduzem fundamentalmente a duas. A sexualidade, sendo o protótipo do comportamento, através dessa saída fácil e indulgente corrompe e não enrijece o caráter do jovem. Mais: estando acompanhada por fantasias idealizadas, pode tornar futuramente a copulação um seu ‘substituto insatisfatório’, como ironicamente escrevia o corrosivo escritor Karl Kraus. Com relação a tipos de atividade sexual equivalente ao coito normal, Freud as condena a partir de um ponto de vista ético, “pois degradam as relações amorosas de dois seres humanos, rebaixando-as de uma questão fundamental a um jogo cômodo, livre de riscos e sem nenhuma participação espiritual”. (Ibidem, p.205).

Se a neurose for de fato levada a sério como uma doença, a resposta de Freud (1908, p. 207) à terceira pergunta só pode ser a que fornece quase no final do artigo:

[...] devo insistir em meu ponto de vista de que as neuroses, quaisquer que sejam sua extensão e sua vítima, sempre conseguem frustrar os objetivos da civilização, efetuando assim a obra das forças mentais suprimidas que são hostis à civilização. Dessa forma, se uma sociedade paga pela obediência a suas normas severas com um incremento de doenças nervosas, essa sociedade não pode vangloriar-se de ter obtido lucros à custa de sacrifícios; e nem ao menos pode falar em lucros.

Acrescentem-se outros prejuízos que acompanham tal repressão: intensificação do medo da morte, angústia diante da vida que compromete a capacidade do indivíduo para o prazer e o heroísmo, redução no desejo de gerar filhos.

Diante de tudo isso, é justo indagar-se se a moral sexual “civilizada” vale o sacrifício que nos impõe. A resposta final, entre modéstia e ousadia, é a seguinte: “Certamente não é atribuição de o médico propor reformas, mas me pareceu que eu poderia defender a necessidade de tais reformas [...]”. (Ibidem, p. 208).

CONSIDERAÇÕES

1. O artigo de Freud se abre e fecha, de uma maneira significativa ou casual, com as citações das ideias de um professor de filosofia, Christian von Ehrenfels. Preferimos destacar o fato ao ignorá-lo pela simples razão da conhecida aversão habitual do fundador da psicanálise para com a filosofia e os filósofos. Espero que essa inesperada “afinidade eletiva” entre psicanálise e filosofia anime nossa reflexão sobre alguns pontos de interesse comum, tais como sexualidade e sua relação com os interditos e gerenciamentos da cultura. Inicialmente, destacarei as implicações filosóficas do discurso de Freud e logo em seguida apresento um quadro de novos problemas na área da sexualidade que parecem não mais aqueles

de Freud e que exigem novas reflexões dos filósofos e dos psicanalistas contemporâneos.

1 – Sexualidade e modernidade

Antes de tudo, precisa-se reconhecer que a sexualidade humana é um dos temas e problemas em que os pontos de vistas da psicanálise e da filosofia podem e devem continuar a dialogar. Nela deságuam temas filosóficos já consagrados pela tradição filosófica, tais como: a superação do moralismo por uma ética, o que obriga a reflexão sobre a sexualidade a deslocar-se da esfera privada para a pública e encontrar uma ancoragem sobre uma antropologia mais realista.

Foi o que realizou Freud cem anos atrás ao situar o artigo dele não apenas na sequência de um professor de filosofia, mas do próprio projeto da modernidade. Mantendo-se num difícil equilíbrio entre Apolo e Dionísio, o deus Logos e os demônios do Acheronta, Iluminismo e Romantismo, razão e paixão, consciente e inconsciente, oferece-nos uma análise-denúncia, um discurso crítico-desconstrutivo da repressão excessiva exercida pela cultura sobre a sexualidade e, ao mesmo tempo, um discurso construtivo-reformador: a razão, a ciência liberta. O novo saber produzido pela psicanálise sobre a sexualidade humana, a partir do estudo das neuroses, pode libertar os neuróticos de seu sofrimento e a cultura de sua irracionalidade ao frustrar seus objetivos em nome de uma regulamentação equivocada da sexualidade de seus membros. Ao operar uma descompressão da sexualidade, a cultura se beneficiaria com a saúde física e psíquica de seus integrantes.

Mas se é verdade que a autocrítica da razão é parte integrante do projeto da Modernidade, por que, então, a psicanálise foi acusada de ser uma “inimiga da cultura”? Afinal, o que Freud entende por cultura no artigo em análise?

2 – A problemática da sexualidade na cultura

Por paradoxal que possa parecer, não se encontra nesse texto de Freud uma definição do que ele entende por civilização ou cultura. Se não há uma definição formal, há, todavia, uma descrição acerca de seus fundamentos (uma supressão parcial dos instintos), das razões que levaram os homens a essa renúncia (as “exigências da vida” e o “erotismo”), dos ganhos (“o acervo cultural comum de bens materiais e ideais”), das perdas (quanto mais civilização, mais renúncias); teses que retomará mais adiante na sua produção intelectual.

Aparentemente, nada de excepcional para legitimar uma “resistência” da cultura à psicanálise. Se, de fato, ela existiu inicialmente, é pelo menos por dois motivos. Freud ousou retirar a sexualidade da esfera da vida privada e torná-la também um problema da cultura, ao mesmo tempo em que questiona uma instituição como o matrimônio, tão cara à religião e à sociedade burguesa. É verdade que outros “eminentes pensadores”, antes dele, sustentaram ideias parecidas, mas uma coisa é “flertar” com uma ideia e outra “casar com ela”. Ele teve a coragem de retirar a sexualidade do registro moral da obediência aos usos e costumes de uma determinada comunidade e a inscreveu no campo da ética e de uma dupla história: a das vicissitudes das pulsões sexuais, na pequena história de cada indivíduo e na grande história da cultura. Dessa maneira, operou um deslocamento da reflexão: do moralismo para um questionamento ético; podendo dar a impressão de que, no conflito entre norma e desejo, obediência e transgressão, proveito cultural e satisfação sexual, Freud advogue em defesa do homem sofredor contra a “óbvia injustiça” da cultura que “exige de todos uma idêntica conduta sexual”. As neuroses devem ser levadas a sério a despeito de “atitudes de leigos e médicos ignorantes”. Elas denunciam o fracasso de nossa cultura.⁴

⁴ Se uma sociedade paga pela obediência a suas normas severas com um incremento de doenças nervosas, essa sociedade não pode vangloriar-se de ter obtido lucros à custa de sacrifícios; e nem ao menos pode falar em lucro”. O que ela conseguirá com a frustração excessiva da sexualidade de seus membros é despertar as forças mentais hostis à civilização. (FREUD, 1908, p.207).

Estamos diante de um quadro pintado em preto e branco, sem matizes. De um lado, o homem que sofre pela frustração de uma satisfação sexual mais livre e variada, conforme a constituição psíquica e as vicissitudes das pulsões sexuais de cada um; do outro, a cultura, a única responsável pelo sofrimento, com suas exigências uniformes e excessivas, justificando, inclusive, uma legítima hostilidade para com ela. Diante desse impasse, o que fazer? Quais as propostas éticas?

3 – A problemática ética

Após ter criticado o excessivo moralismo que normatiza a polimorfia da sexualidade humana, era de esperar-se que Freud, em nome da ciência psicanalítica, apontasse algumas alternativas. O texto, porém, se encerra um pouco abruptamente, não reconhecendo ao médico a atribuição de propor reformas, mas apenas de defender a necessidade de tais reformas, considerando que a “moral sexual civilizada” é responsável pelo aumento da “doença nervosa moderna”.

Aparentemente, nenhuma visão heróica, prometética, revolucionária dessa nova ciência. Freud fala em “reformas” na sequência do professor de filosofia Von Ehrenfels, que tinha anteriormente caracterizado como alguém animado por amor à verdade e zelo reformador. (Cf. FREUD, 1905, p. 131).

No entanto, é exatamente esse “amor à verdade” que leva Freud a propor indiretamente uma nova ética sexual, aparentemente menos elevada, mas certamente mais honesta. Não estamos condenados a escolher apenas entre desejo insatisfeito, infidelidade, neurose, perversão e hipocrisia. O amor à verdade e o zelo reformador podem nos libertar. Se isso for verdade, que figura de sujeito emerge dessa descrição freudiana do conflito entre premências pulsionais *versus* exigências culturais?

4 – A problemática antropológica

A despeito de certo tom iluminista que perpassa o texto, é preciso reconhecer que há um duplo “descentramento” e “assujeitamento” de cada ser

humano ao “outro” do mundo pulsional e do mundo cultural; temperando substancialmente um possível otimismo. O sujeito está duplamente descentrado e assujeitado: por uma sexualidade poliforma, que o domina, e pela cultura com suas exigências, ideais e interdições. Cada um é o resultante desse jogo de forças.

Nessa fase do desenvolvimento do seu pensamento (1908), porém, Freud é animado por um mitigado otimismo quanto à possibilidade de transformação dos neuróticos e da própria cultura. A metáfora que pode caracterizar essa primeira teoria freudiana da cultura é a do piquenique no campo de “senhoras e cavalheiros de bom convívio social”, de que nos fala em *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (FREUD, 1910, p. 134), um texto pouco posterior, nascido da euforia da expansão do movimento psicanalítico.

As senhoras tinham combinado entre si que a senha para ir satisfazer suas necessidades fisiológicas seria a expressão “ir colher flores”. No entanto, um sujeito malicioso descobriu o segredo, mandou imprimir e fez circular no grupo o seguinte aviso: Pede-se às senhoras que desejam ir à toailete, que anunciem que vão “colher flores”. O que vai ocorrer diante dessa revelação? As senhoras admitirão com naturalidade suas necessidades fisiológicas e nenhum homem estranhará. Moral da história: o piquenique representa a cultura; a senha, a hipocrisia neurótica; a pessoa maliciosa, o psicanalista que a desmascara. Com o crescimento da autoridade social da psicanálise (aumento da transferência positiva), não era um sonho utópico acreditar que a neurose pudesse ser erradicada da cultura e a sexualidade ser vivenciada de uma maneira menos “civilizada” e mais “natural”.

Se, inicialmente, tinha como objetivo do tratamento psicanalítico transformar um “sofrimento histérico em infelicidade comum”, na primeira década do séc. XX; de uma forma mais propositiva, considera a terapia psicanalítica como um instrumento para tornar um número satisfatoriamente grande de pacientes “aptos para a existência”, para uma vida mais produtiva (ativa), prazerosa (desfrutar prazer), tolerante (sem estigmatizar os sintomas como doenças). (Cf. FREUD, 1904, p. 261).

Estaria Freud propondo uma “adaptação social”? Certamente, não, e por dois motivos. Primeiro, porque está preocupado menos com as exigências sociais e mais com a “reeducação” do sujeito sofredor “em superar resistências internas”, uma reeducação da problemática sexual, visto que “em nenhum outro campo a civilização e a educação têm causado mais danos do que nesse setor [...]”. (Ibidem, p. 277). Segundo, porque, como vimos neste artigo, ao defender a necessidade de reformas, acredita, de alguma maneira, na possibilidade de um rearranjo das forças pulsionais e culturais que venha atender às exigências de felicidade dos indivíduos e às funções da civilização.

5 – O que pensar dessas teses 100 anos depois?

Diante da revolução sexual que se operou no séc. XX com a invenção da pílula, o avanço do feminismo, as mudanças culturais proporcionadas pela própria psicanálise na área da sexualidade e tendo presentes os desdobramentos posteriores da teoria psicanalítica da cultura, poderia parecer legítimo relegar esse texto a uma mera curiosidade histórica. As resistências à psicanálise, hoje, não se dão por ela ser uma “jovem ciência”, mas por ter envelhecido, na medida em que pensou o indivíduo e seu mal-estar numa sociedade monogâmica e de capitalismo industrial, diferente da nossa com novas formas de laços sociais muito mais diversificados e flexíveis.

No entanto, a despeito das mudanças ocorridas nos últimos 100 anos, é possível reconhecer uma atualidade inegável. A “revolução sexual” talvez não tenha sido nem tão profunda, nem tão ampla, nem tão douradora. Afinal, o abandono da sua “neurótica”, que forçou Freud a deslocar a sexualidade da cena real para o registro determinante da fantasia, parece que ainda não foi assimilado. O novo na teoria freudiana foi recalcado em favor de uma velha concepção de sexualidade. Basta considerar as críticas dirigidas a Freud por ter abandonado indevidamente a tese da sedução real; o recrudescimento no cenário cultural norte-americano, especialmente a partir das últimas décadas, de um neomoralismo, tanto de direita, de cunho religioso, quanto de esquerda, relacionado com o movimento

feminista; a transferência da problemática sexual de um sistema normativo para o de mercado (ROUANET, 2003, p.135-164).

Essas resistências da cultura à psicanálise, mas num certo sentido também da psicanálise à cultura⁵, ressoaram, nos dois congressos mundiais dos Estados Gerais da psicanálise, a ponto de Sérgio Paulo Rouanet, na conferência de encerramento do Encontro do Rio de Janeiro, propor um “retorno a Freud”, não nos moldes lacanianos, mas ao Freud preocupado com as questões culturais.

Nesse sentido, abre-se para filósofos e psicanalistas um conjunto de novos problemas e desafios teórico-clínicos para dar conta de fenômenos novos e novas formas de mal-estar, tais como: a sexualidade na era da pílula, do amor livre, da pornografia na internet, de novas formas de amar, do movimento gay e lésbico, de novas formas de procriar (bebê de proveta e clonagem), da família e de novas formas de laços sociais.

É verdade que na época retratada por Freud o sujeito sofria por falta de liberdade. Agora, porém, o sofrimento parece decorrer do excesso dela. O deus pós-moderno, menos repressor e mais gozador, devia ser feliz, mas, paradoxalmente – como o deus de prótese da modernidade descrito por Freud (FREUD, 1930, p. 111) –, é também um deus infeliz.

Se, por um lado, os avanços científico, tecnológico e farmacológico junto com a liberalização da moralidade parecem prometer a beleza, a juventude prolongada, a felicidade e o prazer ao alcance de uma operação plástica, de um antidepressivo ou de um remédio para disfunção erétil; por outro, nossos “distúrbios de comportamento” são remetidos totalmente à nossa responsabilidade quando não conseguimos atingir a *performance* física, profissional, afetiva e sexual esperada e exigida pela sociedade ou pelo parceiro. Sem contar que o desejo visado – e difícil de ser alcançado – não é o corpo do parceiro, mas o seu desejo. Que o

5 Cf DERRIDA, J. *Estados-da-alma da psicanálise. O impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Escuta, 2001; ROUANET, S. P. *Psicanálise Cultura*. Disponível em: http://estadosgerais.org/mundial_rj/port/cb_c_rounet.htm
Acesso em: 27.10.2004.

digam Hegel e a psicanálise. Se, por um lado, a flexibilização do laço social e afetivo (BAUMAN; MEDEIROS, 2004) entre as pessoas aumentou enormemente as possibilidades de escolha e de construir-se na diferença e singularidade; por outro, percebemos como é bem mais fácil e comum perder-se no anonimato das grandes cidades, na massificação, num amor volátil e volúvel questionável, porque, no fundo, o que visamos não é tanto ao corpo do outro, mas ao desejo de reconhecimento (Hegel), ao desejo do desejo do outro (Lacan).

Não é de estranhar-se se hoje a infelicidade na cultura talvez não atenda mais por nomes como histeria e neurose, mas por *toxicomanias*, *síndrome do pânico* (BIRMAN, 1999, p. 178), distúrbios alimentares (*bulimia*, *anorexia*) e, especialmente, *ansiedade*, *angústia*, *depressões* e *mania* (violência).

Quais as saídas?

Para encerrar essas considerações com um mínimo de otimismo, é só lembrar a oportunidade ímpar que nos é oferecida pela cultura de integrar o antigo oráculo de Delfos – conhece-te a ti mesmo – com o nosso pós-moderno: crias-te a ti mesmo, ampliando a própria criatividade e o direito de experimentar novos estilos de ser e de amar, o que não implica necessariamente, um perigoso flertar com um egoísmo exacerbado, com um sado-mosoquismo ou até com a perversão pura e simplesmente. Para a liberdade experimentadora do sujeito, existirá sempre o limite ético da dor e do sofrimento do outro.

Conseguirá Eros metabolizar toda essa descompressão sexual e nos proporcionar uma vida pessoal e comunitária mais saudável física e psicologicamente? Podemos esperar que não nos deixará naufragar nos recifes de Schila e Caribdi da neurose e da perversão?

Se há uma resposta positiva a essas perguntas, certamente não se inscreve mais no horizonte de uma esperança religiosa ou de uma certeza teleológica, mas apenas como aposta humana pessoal e social sem garantias de final feliz.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Z.; MEDEIROS, C.S. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BIRMAN, Joel. Novas formas de subjetivação. In: *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- DERRIDA, J. *Estados-da-alma da psicanálise*. O impossível para além da soberana crueldade. São Paulo: Escuta, 2001.
- FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- (1896) *Hereditariedade e etiologia das neuroses*. Vol. III.
- (1899) *A sexualidade na etiologia das neuroses*. Vol.III.
- (1904) *O método psicanalítico de Freud*. V. VII.
- (1905) *Os chistes*. V. VIII.
- (1908). *Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna*. Vol. IX.
- (1910) *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*. V. XI.
- (1930) *O mal-estar na civilização*. V. XXI.
- ROUANET, S. P. O impacto da psicanálise na cultura e da cultura na psicanálise. In: _____. *Interrogações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- _____. Psicanálise e Cultura. Disponível em: http://estadosgerais.org/mundial_rj/port/cb_c_rounet.htm. Acesso em: 27 out. 2004.